

ALÉTHÉS LOGOS: VIDA E OBRA DO FILÓSOFO PAGÃO CELSO

Carolline da Silva Soares*

RESUMO

O presente artigo trata da vida do filósofo pagão Celso e de sua obra, o *Aléthés Logos*, comumente traduzida como *Palavra Verdadeira*, confeccionado em finais do século II e que apresenta diversas acusações e críticas ao judaísmo e, sobretudo, ao cristianismo.

PALAVRAS-CHAVE: *Celso. Contra Celso. Cristianismo. Orígenes.*

O objetivo desse artigo é apresentar algumas informações a respeito de Celso, um filósofo pagão pertencente à elite alto imperial romana, que viveu em finais do século II d.C., bem como discorrer sobre as tentativas de reconstrução de seu escrito, intitulado *Aléthés Logos, Palavra Verdadeira*¹.

O escrito de Celso pode ser considerado o primeiro texto anticristão de grande importância. No entanto, Celso ainda é tido como um autor obscuro, uma vez que os estudiosos não possuem nenhuma certeza acerca de dados essenciais de sua vida: o ano e o local de nascimento, a data exata da confecção de sua obra, a cidade em que morreu, bem como os locais onde morou e compôs seus escritos. Diante dessas lacunas, nossa intenção é tentar

* O presente artigo é resultado da dissertação intitulada “O conflito entre o paganismo, o judaísmo e o cristianismo no Principado: um estudo a partir do *Contra Celso*, de Orígenes”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva e com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes).

** Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: carollines@gmail.com.

¹ Utilizamos o conceito de “elite” a partir da denominada “teoria das elites”, presente em Norberto Bobbio (1991). Bobbio concebe que em toda sociedade há sempre um grupo minoritário que se encontra melhor organizado para exercer o controle dos processos políticos e que usufrui de condições econômicas e sociais privilegiadas.

apreender, em linhas gerais, alguns dados sobre sua vida, além de evidenciar as principais contribuições oferecidas pelos estudiosos modernos na tentativa de reconstrução da obra deste filósofo pagão.

Celso escreveu sua obra provavelmente entre os anos 170 e 180, já no final do governo de Marco Aurélio, período em que a circulação de panfletos, tanto de origem pagã quanto cristã, era intensa. No entanto, a *Palavra Verdadeira* não nos foi transmitida integralmente. Temos acesso a ela somente a partir do texto do presbítero Orígenes, que em 248 confeccionou uma refutação denominada *Contra Celso*, com o intuito de contestar as acusações contra o cristianismo e o judaísmo empreendidas por Celso. Orígenes, em seu labor de responder ao texto anticristão, terminou por transcrever, sentença por sentença, os argumentos de Celso, para então contestá-los. De tal modo, Orígenes reconstituiu os elementos centrais da *Palavra Verdadeira* de Celso.

UM AUTOR OBSCURO

A identidade de Celso permanece, para os pesquisadores que se dedicaram ao estudo de sua obra, envolta em incertezas. O próprio Orígenes não soube afirmar exatamente de qual escola filosófica seu adversário fazia parte, nem mesmo a época precisa em que ele teria vivido. Orígenes apresenta informações confusas acerca de Celso: diz que o filósofo pagão “morreu há muito tempo” (*Contra Celso*, Prefácio.4), mas revela as dúvidas que pairavam até mesmo a respeito de sua identidade: “eu ouvi dizer que há dois Celsos epicuristas, um do tempo de Nero, este do tempo de Adriano e mais tarde” (*Contra Celso*, I.8). Orígenes também admite não saber informar se o autor que refuta é o mesmo Celso “autor de vários livros contra a magia” (*Contra Celso*, I.68).

Ao Celso autor de livros contra a magia, Luciano de Samósata, o satírico, dedicou uma obra intitulada *Alexandre ou o falso profeta*². A partir da linguagem empregada por Luciano, esse Celso poderia ser caracterizado como epicurista e escritor de obras que condenavam os sortilégios. Essa referência

²Acerca de Luciano sabemos que nasceu em Samósata, norte da Síria. A data de seu nascimento pode ser situada entre os anos 115 e 120, últimos anos do governo de Trajano. Assim como Lúcio Apuleio, pertenceu ao movimento denominado “Segunda Sofística”, fruto das escolas de retórica que proliferaram nos séculos II e III d.C. Escreveu em grego e ficou conhecido, sobretudo, pelos seus diálogos satíricos, nos quais ironizava e criticava os costumes e a sociedade de sua época. O auge de sua atividade literária transcorreu durante o reinado de Marco Aurélio. A obra intitulada *Alexandre, o falso profeta* ou *Alexandre, o impostor*, é uma biografia de Alexandre de Abonateikhos, que, durante o governo de Marco Aurélio, fundou um oráculo na região do Ponto Euxino (Mar Negro) e explorou a credence popular, tornando-se muito rico e poderoso (MURACHCO, 2007, p. 26).

é mencionada por Orígenes: “por tais palavras vemos, pois, como ele parece admitir a existência da magia. Não sei se ele é o autor de diversas obras contra a magia” (*Contra Celso*, I.68).

A identificação de Celso como o amigo epicurista a quem Luciano dedica o seu panfleto tem sido contestada e debatida pelos especialistas. Alguns sustentam que Orígenes estava certo ao identificar o autor dos ataques contra o cristianismo com o epicurista amigo de Luciano de Samósata³. Por outro lado, a identificação de Celso como um filósofo epicurista é majoritariamente rejeitada por uma historiografia clássica, que o classifica como seguidor do platonismo eclético⁴.

Keim (apud CHADWICK, 1953, p. xxv) acredita que o adversário de Orígenes seja o amigo de Luciano de Samósata e argumenta que, ainda que o Celso amigo de Luciano não tenha sido um epicurista de “sangue-puro” e sim um platônico eclético, as características do Celso de Luciano e do adversário de Orígenes são muito semelhantes. Luciano afirma ser seu amigo Celso um amante da sabedoria, da verdade, da tranquilidade, da moderação, da vida e da cortesia (Luciano de Samósata, *Alexandre*, 61). Os dois Celsos – o de Luciano e o de Orígenes – são adversos e inimigos da magia e dos feiticeiros. O Celso amigo de Luciano viveu por volta do ano 180, sob o governo de Cômodo, e o adversário de Orígenes escreveu por volta de 177-180. São estes elementos que levam Keim a conjecturar que os dois autores são a mesma pessoa.

Concordamos, contudo, com a opinião de Chadwick (1953, p. xxvi), para quem a identificação de Celso como epicurista merece ser contestada

³ Afirmações dessa natureza são encontradas em várias obras, tais como: **Adnot. In Librum I** (1658), de Spencer; **Admonitio** (1733), de Delarue; **Celsus' Wahres Wort** (1873), de Theodor Keim; **Geschichte der alchristlichen Litteratur bis Eusebius** (1897), de A. Von Harnack; **Histoire des persécutions de l'Église** (1878), de B. Aubé; **Marc-Aurèle et la fin du monde antique** (1882), de E. Renan; **Celse ou le conflit de la civilisation antique et du christianisme primitif** (1925), de Rougier; **Celse et l'epicureisme** (1943), de Q. Cataudella; e em **Du “Testament de Lévi” au “Discours véritable” de Celse** (1960), de J. Schwartz (cf. BORRET, 1976, p. 134-135).

⁴ Podemos citar, a partir desta perspectiva, autores como J. L. Mosheim, em **Origenes. Acht Bücher Von der Wahrheit der christlichen Religion wider Weltweisen Celsus** (1745); É. Pélagaud, em **Un conservateur au second siècle: étude sur Celse et la première escarmouche entre la philosophie antique et le christianisme** (1878); K. J. Neumann, em **Celsos** (1899); P. Koetschau, em **Einleitung** (1897); E. Zeller, em **Die Philosophie der Griechen** (1905); O. Glöckner, em **Die Gottes – und Weltanschauung des Celsos** (1921) (cf. BORRET, 1976); P. de Labriolle, em **La réaction païenne** (1935); H. Chadwick, em **Origen: Contra Celsum** (1953); C. Andresen, em **Logos und Nomos** (1955); D. R. Bueno, em **Origenes: Contra Celso** (1967); J. Hoffmann, em **Celsus – On the True Doctrine: A discourse against the Christians** (1987); S. P. Bergjan, em **Celsus the Epicurean? The interpretation of an argument in Origen, “Contra Celsum”** (2001); e R. Frangiotti, em **Cristãos, Judeus e Pagãos: acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo** (2006). Chadwick (1953, p. xxv) situa-o precisamente na filosofia do médio-platonismo; Andresen (apud BORRET, 1976, p. 136) classifica a filosofia de Celso como algo original, mesmo que, por vezes, seja apresentado sob o título de platônico.

pois, por mais que Orígenes teime em qualificá-lo por intermédio desta tendência filosófica, a leitura do *Contra Celso* permite concluir que Celso estaria longe de poder ser caracterizado como tal, estando mais próximo da filosofia médio-platônica. Fato é que o Celso descrito por Luciano é, para Chadwick, claramente epicurista, logo, não poderia ser o mesmo Celso refutado por Orígenes. A identificação dos filósofos citados por Orígenes e por Luciano como um mesmo e único autor demandaria, de acordo com Chadwick (1953, p. xxvi), o reconhecimento de vestígios da filosofia epicurista em trechos da obra do Celso de Orígenes. Mas o adversário do presbítero não demonstra em qualquer momento, compartilhar as ideias epicuristas.

Em certo momento do *Contra Celso*, Orígenes chega a duvidar da tendência epicurista de Celso ao afirmar: “reconhecemos aqui o epicurista de seus outros escritos; aqui como sua acusação contra o cristianismo há de parecer mais plausível não professando as teses de Epicuro” (*Contra Celso*, I.8). Orígenes foi levado a acreditar que Celso era epicurista, sobretudo, por seu amigo e patrono Ambrósio, que enviou a ele um pedido de refutação à obra do filósofo pagão, inferindo ser Celso o filósofo epicurista e autor de livros contra a magia que se correspondeu com Galeno (HOFFMANN, 1987, p. 51). O mais significativo, porém, como observou Chadwick (1953, p. xxvi), é o fato de que as referências à filosofia de Celso alegadas por Orígenes tornam-se cada vez mais hesitantes com o avançar da obra e cessam completamente após o início do quinto livro. A última associação entre Celso e Epicuro aparece num pequeno excerto: “Observa como, em sua intenção de destruir nossa fé, ele que ao longo de seu tratado se recusa a confessar-se epicurista, nós o surpreendemos passando como trânsfuga para o campo de Epicuro” (*Contra Celso*, V.3).

Nos três primeiros livros de sua obra, Orígenes tenta fazer de Celso um epicurista que esconde sua crença real para evitar o descrédito de seu ataque ao cristianismo, como nas passagens III.22, 35, 80. No decorrer da obra, em IV.54, Orígenes cogita a hipótese de que Celso possa ter abandonado o epicurismo e ter se convertido a outra doutrina, ou que o seu adversário possa ser apenas homônimo do Celso epicurista, amigo de Luciano de Samósata⁵.

Já em IV.83, Orígenes reconhece que seu adversário é um filósofo platônico, “pois em muitos pontos ele gosta de platonizar”, e que Celso sempre

⁵ Orígenes diz: “Vamos então discutir um pouco estes pontos, e provar que ele [Celso] dissimula sua opinião epicurista, ou talvez se diga que ele a abandonou por melhores doutrinas, ou mesmo, se poderia dizer, que ele é homônimo de Celso epicurista” (*Contra Celso*, IV.54).

fala com muito respeito acerca de Platão: “queria evitar que Platão, várias vezes exaltado por ele [...]” (*Contra Celso*, VI.47).

Chadwick (1953, p. xxv) sugere que, embora Orígenes tenha percebido em Celso um platônico, acusou-o de epicurismo para desacreditá-lo frente aos seus leitores. Pode-se inferir também que Orígenes tenha concluído que um ataque tão feroz ao cristianismo só poderia ser obra de um ateu, e que o epicurismo, corrente filosófica segundo a qual a divindade não tem muita importância, ou importância nenhuma, seria a corrente filosófica mais adequada para caracterizar Celso. Em conclusão, o autor sugere que a filosofia de Celso revela um platonismo eclético, que mostra afinidades com o médio-platonismo, e que é inconcebível identificar o Celso de Orígenes como um epicurista.

Podemos concluir, então, juntamente com Chadwick (1953, p. xxvi) e Frede (1999, p. 131), que pouco podemos afirmar a respeito do adversário do presbítero cristão e que nos encontramos limitados às indicações que podem ser inferidas a partir do texto do próprio Orígenes. Ademais, vale ressaltar que Celso não é refutado por Orígenes em razão de sua opção filosófica, mas por suas críticas e “injúrias” contra o cristianismo. O próprio Orígenes não se mostra filiado a nenhuma doutrina filosófica, entretanto, se vale de várias delas – como a pitagórica, a platônica, a dos peripatéticos, a dos estoicos, e mesmo a dos epicuristas (SPINELLI, 2002, p. 82).

O nome “Celso” é de origem latina e era bastante comum na época imperial (BUENO, 1967, p. 9). Há muitas controvérsias, entre os estudiosos modernos, acerca do período exato em que Celso viveu e confeccionou sua obra. As passagens do *Contra Celso* significativas para esta questão são duas. Na primeira (VIII.69), Celso, de acordo com Orígenes, evidencia que os cristãos eram perseguidos e passíveis de morte, o que aponta para uma época conturbada, que pode ser associada às perseguições nas províncias da Gália em 177, sob o governo de Marco Aurélio (CHADWICK, 1953, p. xxvi)⁶.

O decreto de Marco Aurélio ordenava a adoração geral e irrestrita aos deuses do Império. Não se sabe precisamente a data e a motivação de sua

⁶ Celso faz a seguinte afirmação: “Certamente não dirás que se os romanos, convencidos por ti, negligenciassem seus ritos habituais de piedade com os deuses e os homens para melhor invocar o Altíssimo ou a quem queiras, este desceria para combater por eles e não lhes seria necessária outra força senão a sua. Outrora, o mesmo Deus prometia isso a seus devotos e até bem mais, como vós mesmo admitis, e vede os serviços que ele prestou a eles ou a vós mesmos. Eles, em vez de dominar toda a terra, estão agora sem terra ou casa de qualquer tipo. Embora no seu caso, o que ainda resta errante e clandestino no meio de vós é perseguido e conduzido à morte” (Orígenes, *Contra Celso*, VIII.69).

promulgação, mas não seria incomum, diante de um período de adversidades, como o que enfrentava o Império Romano – em razão da guerra no Oriente contra os partos, da peste advinda com a guerra, da pressão das tribos germânicas ao longo do Danúbio e da invasão das províncias da Récia, Panônia e Nórícia – que as autoridades ordenassem a elaboração de cerimônias expiatórias, espetáculos, libações, sacrifícios e banquetes (*lectisternia*) para aplacar a ira dos deuses. Neste sentido, como afirma Keresztes (1968, p. 330), seria de se esperar que o imperador não negligenciasse esta prática republicana tão antiga – a *lectisternia* – na tentativa de restabelecer a *pax deorum*.

Em finais do II século os cristãos foram perseguidos em algumas províncias do Império e muitos sofreram o martírio, como evidenciam os *Atos dos Mártires* e a *História Eclesiástica*, de Eusébio. Muito mais do que os judeus, os cristãos foram alvos da violência e de massacres nas províncias gregas, especialmente no Oriente. O decreto de Marco Aurélio, embora não fosse especificamente anti-cristão, mas sim dirigido contra todos os que perturbavam a paz com a introdução de novos cultos, terminou por ser utilizado, legitimamente, contra qualquer cristão por qualquer de seus inimigos (SILVA, 2006, p. 245).

O segundo excerto destacado do *Contra Celso* (VIII.71) sugere-nos que, no tempo em que Celso redigiu sua obra, haveria mais de um regente no poder; logo, este período poderia ser identificado com o do império conjunto de Marco Aurélio e Lúcio Vero (161-169) ou o de Marco Aurélio e seu filho Cômodo (177-180)⁷.

Este último período foi o adotado por Keim (apud CHADWICK, 1953, p. xv), que situa o trabalho de Celso precisamente em 178. Esta data, entretanto, não é aceita por Lightfoot (1891, p. 295), o qual ressalta que, uma vez que a identificação de Celso com o amigo de Luciano de Samósata foi descartada, não possuímos nenhum indício cronológico seguro a respeito dele.

Em outras passagens da sua obra, no entanto, Celso usa o singular para se referir à autoridade política de Roma. Segundo Orígenes, Celso exorta os cristãos a “socorrer o imperador com todas as forças, colaborar com suas justas obras, combater por ele, servir com seus soldados se o exigir, e com

⁷ O trecho diz-nos: “Na verdade, eis ainda algumas de tuas informações intoleráveis: se os que hoje reinam sobre nós, convencidos por ti, são feitos prisioneiros, convencerás também os que reinam, depois deles, e a seguir a outros, se estes forem presos. E isso indefinidamente, até que, convencidos já todos os reis por ti e feitos prisioneiros, um chefe avisado, prevendo o que aconteceria, vos suprima a todos inteiramente antes que o tenhais destruído” (Orígenes, *Contra Celso*, VIII.71).

seus estrategos” (*Contra Celso*, VIII.73). Partindo desta constatação, Lightfoot (1891, p. 296) situa o trabalho de Celso no reinado de Antonino Pio (138-161). Outra posição é a adotada por Funk (1899, apud CHADWICK, 1953, p. xxvii), que concorda com a ideia de que o amigo de Luciano não é o mesmo Celso adversário de Orígenes mas não aceita a suposição de que o trabalho do filósofo possa ser datado da época de Antonino Pio, uma vez que o estado de desenvolvimento das heresias cristãs, observado na multiplicação das seitas gnósticas, apontaria para uma data posterior. O fato de Celso pedir aos cristãos para apoiar o imperador e lutar no exército contra os bárbaros que estão pressionando o Império (*Contra Celso*, VIII.68, 71, 73, 75) sugere que sua escrita poderia ser situada em finais dos anos sessenta ou setenta do segundo século, provavelmente no tempo das guerras de Marco Aurélio contra os partos, quados e marcomanos. Assim, a se crer em Funk, o período entre os anos 170 e 185 seria o mais provável para indicar o contexto da obra de Celso.

Chadwick (1953, p. xxviii) aponta um intervalo mais restrito para situar o texto de Celso: entre os anos de 177-180, após as perseguições ocorridas na Gália e no Oriente que produziram os assim denominados “mártires de Lyon”.

Em fins do segundo século abundaram os panfletos cristãos endereçados aos imperadores. Tais escritos, em sua maioria, eram apologias, isto é, escritos em que os adeptos do cristianismo, versados na educação greco-romana, descreviam os fundamentos da crença cristã, ao mesmo tempo em que rogavam a benevolência dos imperadores e pediam o fim das perseguições.

As calamidades verificadas no reinado de Marco Aurélio – guerras, invasões bárbaras, fome, peste, entre outras – foram vistas como manifestação da cólera divina. Os cristãos atribuíram estes infortúnios à impiedade dos pagãos idólatras, e os pagãos, por sua vez, os imputaram ao ateísmo dos cristãos. Diante disso, alguns estudiosos como Rougier (1925, p. 54) e Frangiotti (2006, p. 138) cogitam a hipótese de Celso ter escrito sua obra em razão da proliferação de escritos cristãos, como as apologias, como sinal da expansão do cristianismo.

A mesma incerteza reina acerca do lugar onde foi composta a obra de Celso e, conseqüentemente, onde ele habitualmente viveu. Alguns estudiosos argumentam pelo Ocidente, outros pelo Oriente, mais precisamente por Roma ou Alexandria. Fundamentam tais indicações com base em pistas recolhidas em passagens dos escritos de Celso.

Um dos elementos elencados pelos que consideraram Roma o local de residência de nosso autor é o seu sentimento religioso, considerado típico de um romano que se recusa a admitir a ideia de encarnação de um Deus ou Filho de Deus, como fica claro nos trechos I.67 e IV.2 do *Contra Celso*⁸. Celso também está bem informado acerca das seitas gnósticas, muitas das quais floresceram em Roma, palco de um conflito agudo entre a ortodoxia e a heresia cristãs no século II. Acerca desse assunto ele nos informa o seguinte: “Alguns fiéis, como pessoas embriagadas que se agridem a si mesmas, manipularam o texto original do evangelho três ou quatro vezes, ou até mais, e o alteraram para poderem opor negações às críticas” (*Contra Celso*, II.27).

Há alguns fragmentos da obra que demonstram um sentimento patriótico da parte de Celso, o que leva os pesquisadores a concluir em favor de Roma como seu local de permanência. Ele argumenta em benefício do culto imperial e convida os cristãos a professá-lo, dizendo: “Mesmo que te ordenem jurar por um imperador entre os homens, nada há de temer. Pois as coisas da terra lhe foram entregues e tudo que recebemos nesta vida recebemos dele” (*Contra Celso*, VIII.67). Outro argumento encontra-se na passagem VIII.73, supracitada, na qual Celso convoca os cristãos a servirem no exército e lutarem junto com o imperador perante o perigo bárbaro, que ameaça submergir o Império. O seu apelo patriótico é visível ao final do último livro da obra e fortalece a opinião daqueles que, como Borret (1976, p. 137), afirmam que Celso viveu e escreveu em Roma. Para Pélegaud (1878 apud CHADWICK, 1953, p. xvii), é visível, no decorrer de todo o *Contra Celso*, a visão preocupante e incômoda que Celso mostra ao refutar o cristianismo, o que leva o autor a concluir que o filósofo parece ser um romano de pura estirpe, muito mais que um bárbaro ou grego. Assim, Roma se apresenta como o lugar de composição de um autor que se mostra cheio de amor e zelo por sua pátria e eivado de rancor contra aqueles que a abandonaram aos perigos das guerras (BORRET, 1976, p. 138).

⁸ Celso diz: “Os antigos mitos que atribuem a Perseu, Anfión, Éaco e Minos um nascimento dividido – e nós não lhes damos qualquer crédito – mostram pelo menos com complacência suas obras grandiosas, admiráveis e realmente sobre-humanas, para não parecerem indignas de fé. Mas tu, que apresentaste de bom ou admirável em obras ou palavras? Nada podes mostrar-nos apesar de teres sido intimidado no templo a apresentar um sinal claro de que és o Filho de Deus” (Orígenes, *Contra Celso*, I.67). Essas são palavras proferidas pelo judeu que Celso coloca em cena contra o cristianismo, e complementa: “Eis a pretensão de certos cristãos e judeus: os primeiros dizendo que algum Deus ou filho de Deus desceu à terra, como juiz da humanidade, os outros dizendo que ele virá, são palavras vergonhosas que não carecem de longo argumento para serem refutadas” (Orígenes, *Contra Celso*, IV.2).

Por outro lado, podemos citar outras pistas que poderiam indicar que Celso residia na parte oriental do Império. Há pesquisadores, como Neumann (apud CHADWICK, 1953), que acham mais compreensível Celso ter escrito sua obra em Alexandria, pois o filósofo mostra interesse em histórias orientais, sobretudo as egípcias, ao compará-las com a crença cristã em III.17, 19⁹, e com os deuses egípcios, como em I.24 e V.41¹⁰. Nos fragmentos 3 a 11 do livro VII, Celso ironiza as narrativas acerca de Jesus difundidas pelos profetas da Judeia. Segundo ele, tais predições seriam oriundas da Fenícia e da Palestina e, por isso, tais profetas seriam impostores, forjadores de discursos sem coerência (Orígenes, *Contra Celso*, VII.11)¹¹. Além disso, Celso descreve os mistérios persas de Mitra (*Contra Celso*, VI.22)¹², a história de Antínoo na cidade egípcia

⁹ Em III.17, Celso compara a crença cristã com a religião dos egípcios “entre os quais, à primeira vista, encontramos magníficos recintos e bosques sagrados, vestíbulos imensos e belos, templos admiráveis cercados de imponentes peristilos, cerimônias marcadas de respeito e mistério; mas logo que entramos e penetramos em seu interior, aí contemplamos como objeto de adoração um gato, um macaco, um crocodilo, um bode, um cão”. Já em III.19, ele diz que os cristãos zombam dos egípcios: “No entanto, eles propõem muitos enigmas que não merecem desprezo, pois ensinam que são homenagens prestadas não a animais efêmeros, como julga o povo, mas a ideias eternas. Ao passo que é uma tolice não introduzir nas explicações sobre Jesus o que há de mais venerável como são os bodes e os cães do Egito”.

¹⁰ Em I.24, diz: “Não importa absolutamente que o Deus supremo seja chamado ‘Zeus’ como acontece entre os gregos, ou tenha qualquer outro nome, como entre os indianos ou os egípcios”; e, em V.41, profere: “E certamente os judeus não são mais santos do que os outros povos por serem circuncisos: os egípcios e os colcos já eram antes deles; nem por se absterem de carne de porco: assim o fazem os egípcios que também se abstêm de comer carne de cabra, ovelha, boi e peixe; assim o fazem Pitágoras e seus discípulos, que se abstêm de favas e de todo ser animado vivo”.

¹¹ Na passagem VII.3, Celso profere: “Eles não dão nenhuma importância aos oráculos pronunciados pela Pítia, pelas sacerdotisas de Dodona, pelo deus de Claros, entre os brânquidas, no templo de Amon, e por mil outros adivinhos, sob a moção dos quais certamente toda a terra foi colonizada. Ao contrário, o que lhes parece maravilhoso e incontestável são as predições dos habitantes da Judeia, feitas à sua maneira, ditas realmente ou não, e conforme um uso ainda hoje em rigor entre os povos da Fenícia e da Palestina”. Ainda, em VII.9, ele promete “indicar a maneira como as adivinhações são feitas na Fenícia e na Palestina” como uma coisa a respeito da qual “ele é instruído e sabe de primeira mão”. Diz que “existem diversas espécies de profecias” e apresenta “o tipo mais especializado entre os homens desta região”. E declara: “Existem muitos deles obscuros que, com a maior facilidade e em qualquer ocasião nos templos e fora dos templos, e outros que, mendigando seu pão e percorrendo as cidades e os campos, se agitam aparentemente como se pronunciassem um oráculo. Na boca de cada um está a fórmula habitual: Eu sou Deus, ou Filho de Deus, ou Espírito divino. E aqui estou. Pois o mundo já está perdido, e vós, ó homens, haveis de perecer por causa de vossos erros. Mas eu quero vos salvar. E me vereis de volta com um poder celeste. Feliz quem hoje me prestar culto! A todos os outros enviarei o fogo eterno nas cidades e nos campos. E os homens que não sabem que suplicios os esperam se arrependirão e gerarão em vão; mas os que forem persuadidos por mim, eu os guardarei por toda a eternidade”. E continua: “A estas presunções eles acrescentam termos desconhecidos, incoerentes, totalmente obscuros, cuja significação nenhum homem razoável seria capaz de descobrir por estarem por demais desprovidos de clareza e de sentido, mas que em qualquer ocasião dão a qualquer ignorante ou charlatão o pretexto para se apropriarem deles no sentido que ele desejar”. E, em VII.11, Celso conclui: “estes assim chamados profetas, ele os ouviu com seus próprios ouvidos, assim que os desmascarou e confessaram sua impostura e que eles forjavam discursos sem coerência”.

¹² Celso diz no excerto VI.22: “É também o que revelam a doutrina dos persas e a iniciação mitraica praticada entre eles. Uma figura representa as duas órbitas celestes, uma fixa, e a outra destinada aos planetas, e a passagem da alma através deles. Eis a figura: uma escada de sete portas, tendo no alto uma oitava”.

de Antinópolis (*Contra Celso*, III.36)¹³, a demonologia (*Contra Celso*, VIII.58)¹⁴ e a noção judaico-helenística do *Logos* (*Contra Celso*, II.31)¹⁵ (CHADWICK, 1953, p. xxviii; BORRET, 1976, p. 140), o que reforçaria a sua familiaridade com as tradições culturais características do Oriente.

Outro argumento em favor da procedência egípcia de Celso é o fato de ele ter confundido as doutrinas do cristianismo ortodoxo com as crenças das seitas gnósticas, uma vez que em Roma a comunidade cristã parece ter sido mais consciente da linha divisória entre a ortodoxia e a heresia. Em Alexandria, no entanto, onde Celso supostamente viveu, como acredita Chadwick (1953, p. xxix), essa linha divisória estava menos delineada. Esse fato, juntamente com o conhecimento acerca das histórias mitológicas orientais, sobretudo do folclore egípcio, sugere que Alexandria foi o lugar onde Celso viveu e confeccionou sua refutação contra o cristianismo.

A RECONSTRUÇÃO DO TEXTO DE CELSO

No livro VI do *Contra Celso*, Orígenes fala, de modo genérico, de dois outros tratados que teriam sido escritos por Celso contra os cristãos, mas, se tais textos existiram, eles não chegaram até nós. Os escritos do filósofo pagão foram confeccionados em fins do século II e seguem uma orientação platônica. Além disso, o *Contra Celso* é de grande importância na história da luta intelectual entre o paganismo e o cristianismo, comparável apenas à *Cidade de Deus*, de Agostinho de Hipona (CHADWICK, 1953, p. xiii).

Em suas acusações contra o cristianismo, Celso se vale de um discurso elevadíssimo, levando em consideração autores que igualmente atacaram a fé cristã e escreveram antes dele. Não é um mero escarnekedor, como o satírico Luciano de Samósata ou Marco Cornélio Fronto. Apesar de o trabalho de Celso reunir muitas das críticas e acusações feitas aos cristãos que eram correntes

¹³ Neste fragmento fala do “delicado Adriano [Antínoo] e das honras que lhe são prestadas”; para Celso, tais honras em nada diferem das do culto a Jesus.

¹⁴ No excerto VIII.58, Celso profere: “Podemos saber dos egípcios que até nestas matérias mais ínfimas existe um ser ao qual foi confiada autoridade. Dizem eles que trinta e seis demônios ou certos deuses do ar foram encarregados do corpo do homem distribuído em partes – outros falam até de um número bem maior – e que cada qual deles recebeu a ordem de se encarregar de uma dessas partes. Sabem eles os nomes desses deuses na língua da terra: Chnumen, Chnachumen, Knat, Sikat, Biú, Eru, Erebiú, Rhamanor, Rheianoor, e todos os outros que eles chamam em sua língua. Invocando-os, eles curam as doenças das diversas partes. O que é então que nos impede honrar a estes ou àqueles se preferimos gozar de boa saúde e não ficar doentes, ter uma vida feliz e não miserável, escapar enquanto possível das torturas e dos suplícios?”.

¹⁵ Nessa passagem (II.31), Celso acusa “os cristãos de usarem sofismas quando dizem que o Filho de Deus é seu próprio *Logos*” e que “proclamando que o *Logos* é Filho de Deus, os cristãos apresentam no lugar do *Logos* puro e santo, um homem ignominiosamente surrado com varas e conduzido ao suplício”.

no século II, o fato é que ele utilizou-se de argumentos mais sólidos para fundamentá-las, ao contrário de apenas reproduzi-las. Ele se mostra um leitor dos livros sagrados do judaísmo e do cristianismo – do *Mishná* e do Antigo e o Novo Testamentos –, um grande conhecedor da mitologia greco-romana, como era de praxe para um indivíduo da elite imperial, e também de histórias do folclore e da religião dos egípcios, persas, indianos, e vários outros povos (BENKO, 1985, p. 117).

Celso é herdeiro da cultura grega, homem com um grande conhecimento, viajado e leitor, interessado em astronomia, música, história natural, tradição antiga e contemporânea. Mais que isso, ele é um dos primeiros, senão o primeiro, escritores pagãos de seu tempo a exibir um saber competente e alargado em relação à doutrina cristã (WHALE, 1930, p. 120). Não é de estranhar que sua obra seja considerada, atualmente, a primeira e a maior dentre as que reúnem argumentos anti-cristãos (SPINELLI, 2002, p. 83).

Os escritores cristãos de finais do segundo e inícios do terceiro século, entretanto, não repercutiram a obra de Celso. Ela foi reproduzida por Orígenes, em parte, apenas por conta do pedido de seu amigo e patrono Ambrósio, que lhe solicitou que elaborasse uma refutação¹⁶. É possível, como cogitou Rougier (1925, p. 57), que, após a resposta de Orígenes, o trabalho de Celso tenha sido destruído ou se perdido, pois em 325, com Constantino, no Concílio de Niceia, e, um século mais tarde, com os imperadores cristãos Teodósio II e Valentiniano III, os quais prescreveram a destruição de todos os escritos suscetíveis de excitar a cólera divina, o livro de Celso não foi mencionado ao lado dos de Porfírio e de Ário.

Muita energia, no entanto, tem sido gasta na tentativa de reconstruir o texto de Celso. Ao utilizar o método de citar frase por frase, parágrafo por parágrafo as passagens da obra de seu adversário, Orígenes permitiu que parte substancial do trabalho fosse preservada na sua formulação original. Tudo nos faz crer que, apesar das lacunas, o livro sobreviveu em suas linhas gerais (WHALE, 1930, p. 120).

Tem variado bastante, contudo, as estimativas a respeito do que foi perdido e do que foi preservado acerca da obra. Podemos estimar, em consonância com Neumann (apud CHADWICK, 1953, p. xxii; WHALE, 1930, p.

¹⁶ Ambrósio (212-250) era um gnóstico valentiano e marcionista quando rejeitou os preceitos gnósticos por conta dos ensinamentos de Orígenes e tornou-se seu amigo. Incentivou-o a escrever comentários sobre a Bíblia e, por ser rico, ajudava Orígenes em sua empreitada.

120), que apenas um décimo da obra foi omitido por Orígenes, enquanto três quartos das afirmações teriam sido fielmente preservados em sua refutação. Neumann se dedicou a uma reconstrução fiel do trabalho de Celso, mas esta nunca chegou a ser publicada. Uma tentativa de reproduzir o texto de Celso em grego foi executada por Otto Glöckner, em *Celsi Aléthès Logos excussit et restituere conatus est*, de 1924, obra derivada de sua tese de doutorado, que não foi publicada e que existe – ou pelo menos existia – somente em manuscritos. Chadwick (1953, p. xxii) declara apenas ter conhecimento dela por meio das citações de Robert Bader (1940), em *Der Alethes Logos des Kelsos*. Antes de Glöckner, no entanto, foi publicada uma versão em grego por C. R. Jachmann, em *De Celso philosopho disputateur et fragmenta libri quem contra Christianos edidit colliguntur*, no ano de 1836 (CHADWICK, 1953, p. xxiii).

O plano esboçado por Koetschau (1899, p. 604-632), segundo Borret (1976, p. 36) para a reconstrução do *Aléthès Logos* de Celso, a partir da resposta de Orígenes, é o seguinte: Prefácio (I.1-27); Primeira parte: objeção de Celso contra a doutrina cristã do ponto de vista do judaísmo (de I.28 a II.79); Segunda parte: objeções de Celso ao cristianismo contra o fundamento da doutrina cristã (III-V); objeções gerais (III); objeções específicas (IV-V); Terceira parte: objeção de Celso contra as doutrinas cristãs: elas são apenas empréstimos e falsificação da filosofia grega (VI.1 a VII.58); Quarta parte: defesa do paganismo como religião do Estado (VII.62 a VIII.71); e, Conclusão (VIII.72-75). Keim, em 1899 (apud BORRET, 1976) já havia previsto, também, uma divisão da obra em quatro partes.

Para além das tentativas de reconstrução do livro de Celso, o título da obra – *Aléthès Logos* – mostra-se um mistério em sua brevidade. O foi também para o próprio Orígenes. Alguns autores, como Whale (1930, p. 120) e Wifstrand (1941 apud CHADWICK, 1953, p. xxi), atentam para o fato de que o título de Celso possui um teor fortemente platônico. Tal fato fica evidente nas próprias palavras do filósofo no decorrer da obra, na qual ele se vale de muitos argumentos platônicos e de muitas citações de Platão, como em VI.9, 10¹⁷.

Celso acredita que existe uma doutrina, de maior antiguidade, perpetrada pelos povos mais antigos, piedosos e mais sábios. Essa doutrina – *Logos* – é

¹⁷ No capítulo 10 do Livro VI Celso diz: “Como vemos, Platão, embora afirme com determinação que o bem é inefável, todavia, para não parecer fugir da discussão, apresenta a razão desta dificuldade: pois talvez o próprio nada seja capaz de ser expresso”, e, mais, “Platão não se gaba nem mente, pretendendo descobrir coisas novas ou vir do céu anunciá-las: ele confessa a origem deste conhecimento”.

a verdadeira e teria sido incompreendida e pervertida pelos judeus e, depois, pelos cristãos. É necessário ter em mente, ao se ler a obra de Celso, que a perspectiva histórica deve ser mantida. Embora ele dirija palavras sarcásticas contra o cristianismo, não significa que ele considerasse esta crença como meramente destrutiva. Celso *não* vê no cristianismo apenas um objeto ridículo, como fez Luciano, para quem a fé cristã era apenas mais uma das inutilidades na interminável lista de insanidades humanas.

É evidente, a partir da última seção da polêmica de Celso, que o autor se mostra preocupado com este novo movimento, que estaria afastando as pessoas da adoração dos antigos deuses, minando, assim, a estrutura e a estabilidade da sociedade romana. Para Celso, era inadmissível que uma considerável massa de pessoas, que só fazia crescer e se expandir, adorasse um judeu crucificado em circunstâncias vergonhosas. O cristianismo é visto como uma inovação moderna e perigosa que, se não fosse contida, poderia levar o Império ao colapso. Os cristãos não estariam cumprindo com seus deveres de cidadãos e, ao contrário, deveriam assumir sua responsabilidade cívica, preencher cargos públicos, lutar no exército e apoiar o imperador em sua luta para manter a paz no *orbis romanorum*. O filósofo evoca o retorno ao antigo e tradicional politeísmo e prega a volta aos costumes ancestrais (CHADWICK, 1953, p. xxi).

De fato, é significativo que Celso tenha feito do cristianismo seu objeto de investigação e ataque. É evidente que a crença havia começado a se expandir como algo perigoso e ameaçador para os olhos de um filósofo pagão. O cristianismo era, para ele, *barbaron dogma*, uma doutrina bárbara, pois parecia muito estranha à sua cultura grega e à sua visão platônica acerca da natureza divina. Assim, a *Palavra Verdadeira* seria o supremo esforço de um pensador pagão em sobrepular a nova religião e reconquistar seus adeptos (WHALE, 1930, p. 121).

O método utilizado por Celso para atacar o cristianismo e o judaísmo revela um estilo polêmico. A obra apresenta uma mistura heterogênea de fatos com uma riqueza de informações provenientes de várias áreas do conhecimento. Celso cita vários poetas, historiadores e filósofos, sobretudo Platão, mas não meros resumos e, sim, longas passagens transcritas deste filósofo e de sua Academia. Faz também uso de várias concepções emprestadas de diversas fontes da história religiosa, da literatura, das instituições e da vida social.

Podemos ver em sua obra as exclamações, perguntas e dilemas do seu cotidiano e a formulação de argumentos dirigidos contra todos os cristãos.

Celso admite que seu propósito ao revelar tudo acerca dos cristãos e de sua origem é descrever o conteúdo da sua crença: sua doutrina, seu culto e sua história. Examinando o que eles sabem ou o que eles ignoram, Celso não poupa os cristãos, nem suas crenças e seus costumes, e nem as personagens e comunidades judaico-cristãs (BORRET, 1976, p. 30). Ademais, ele faz uso de um método comparativo para classificar os dogmas cristãos como antigas ficções e lendas ultrapassadas (LABRIOLLE, 1935, p. 119).

Celso inicia sua agressão contra o cristianismo observando o porquê de a Igreja ser uma sociedade secreta. Em sua opinião, ela era uma organização ilegal, logo, não deveria existir. As associações cristãs violavam a lei comum e sua doutrina era originalmente bárbara, o que, na visão de um pagão, já era considerado um elemento prejudicial. Por compartilhar da tradição platônica, Celso, no entanto, admite alguma positividade nos bárbaros, como o fato de terem descoberto o mecanismo dos sons, mesmo que tenham sido os gregos que o interpretaram filosoficamente e lhe deram inteligibilidade (CHADWICK, 1953, p. xvi)¹⁸.

As nações bárbaras, contudo, para Celso, têm uma certa importância teológica, o que pode ser observado na seguinte afirmação do filósofo pagão: “Existe uma doutrina de grande antiguidade, sempre sustentada pelos povos mais sábios, pelas cidades, pelos sábios” (Orígenes, *Contra Celso*, I.14). Esta antiga tradição, segundo ele, teria sido difundida entre egípcios, assírios, indianos, persas, odrisianos, samotrácianos, eleusianos e hiperboreanos. Entre os sábios, Celso inclui “teólogos inspirados”, como Lino e Orfeu, juntamente com Zoroastro e Pitágoras.

O conteúdo dessa antiga tradição que Celso acredita ter sido abandonada e corrompida por cristãos e judeus é a única doutrina, segundo sua crença, sobre a qual todo o mundo está unido. Para ele, existiria um único Deus, pai de todos, abaixo do qual haveria outros deuses, talvez filhos de Deus, que governariam juntos o mundo. De acordo com essa teologia, o monoteísmo e o politeísmo não são mutuamente excludentes. Assim, os filósofos pagãos passaram a fornecer um método de racionalização ao culto e às divindades. Toda a adoração é oferecida, em última instância, ao Deus supremo, mas ele é

¹⁸ Celso diz: “Os bárbaros são capazes de descobrir doutrinas”, no entanto, “para julgar, dar fundamento, adaptar à prática da virtude as descobertas dos bárbaros, os gregos são mais hábeis” (*Contra Celso*, I.2).

alcançado por meio de seus subordinados, dos deuses secundários, isto é, das divindades locais (CHADWICK, 1953, p. xvi).

No pensamento religioso da época helenística passou a ser possível harmonizar uma aceitação do politeísmo com uma espécie de monoteísmo. Essa tradição remonta à filosofia platônica, que já havia formulado a existência de seres como intermediários entre o Deus supremo e o homem: os *daimones*. A partir desta concepção, os deuses locais foram vistos como os administradores, funcionários do Deus supremo. Este era único em qualquer parte do mundo, como fica subjacente na declaração de Celso de que “não faz diferença chamar a Deus de Zeus Altíssimo, Zen, Adonai, Sabaot, Amon como os egípcios, Papaeos como os citas” (*Contra Celso*, V.45).

Por conseguinte, acerca do monoteísmo, Celso tem pouco a dizer. Ele pensa que este se originou quando Moisés conheceu a “doutrina vigente entre as nações sábias e homens ilustres e lhe deu um caráter divino”, transmitindo-a, depois, aos hebreus (*Contra Celso*, I.21). Moisés, como todos os pagãos sabiam, era um mago que foi seguido por “alguns guardadores de cabras e ovelhas, com o espírito iludido por ilusões grosseiras, que acreditaram que existia apenas um Deus” e “sem motivo razoável, se desviaram do culto dos deuses” (*Contra Celso*, I.23). Em seguida, Celso diz que “esses guardadores de cabras e ovelhas acreditaram num só Deus Altíssimo, Adonai, Urano, Sabaot, ou qualquer outro nome que eles gostam de dar a este mundo, e só sabem fazer isso” (*Contra Celso*, I.24).

Para o filósofo pagão, os cristãos ainda são piores que os judeus, pois eles rejeitam os *daimones* – os seres secundários, intermediários entre o Deus supremo e os homens – e cita as palavras de Jesus: “Ninguém pode servir a mais de um senhor”. Isso é, na concepção de Celso, “um discurso rebelde de pessoas que se isolam e rompem com o resto da humanidade” (*Contra Celso*, VIII.2). Além disso, vê como fanatismo o fato de os cristãos demonstrarem um respeito muito grande a um judeu que foi crucificado e do qual tomam o discurso como único e verdadeiro.

Celso respeita a tradição e os costumes ancestrais, como fica claro em muitas de suas declarações no decorrer do *Contra Celso*. Em relação aos judeus, ele compartilha todo o desprezo característico de uma época. No entanto, os judeus, apesar de terem abandonado a crença em muitos deuses e só adorarem o seu Deus como se ele fosse único, em seu favor possuíam o fato de adorar

o Deus de seus pais, de acordo com seus costumes ancestrais. Ele diz: “Os judeus se tornaram uma nação particular e estabeleceram leis conforme os costumes de seu país. Eles os conservam entre si ainda hoje e observam uma religião que, qualquer que seja, é pelo menos tradicional”. Cada nação deve observar, segundo Celso, “o que foi decidido para o bem comum”, ou seja, as suas próprias tradições de culto, sejam elas quais forem, pois, “desse modo, o que é feito em cada nação é realizado com retidão se for da maneira aceita por estes poderes; mas seria impiedade infringir as leis estabelecidas desde a origem” (*Contra Celso*, V.25).

Os judeus, portanto, não estão totalmente vulneráveis, possuindo características que nos permitem designar a sua fé como *religio licita*. Pelo contrário, os cristãos não sabem nem de onde surgiram e nem quais foram os autores de suas leis, como Celso argumenta: “Mas que apareça o segundo coro: eu lhes perguntarei donde eles vêm, quem é o autor de suas leis tradicionais. Não poderão indicar ninguém. Na verdade, é daí que eles também vêm e não podem indicar como seu mestre e regente nenhuma outra origem. Todavia, eles se separaram dos judeus” (*Contra Celso*, V.33). Em outro excerto, Celso sintetiza esse seu pensamento dizendo: “os cristãos entendidos nas Escrituras pretendem conhecer mais coisas do que os judeus”; a seguir ele declara: “devemos dizer, inicialmente, tudo o que eles entenderam mal e alteraram pela ignorância, e pela presunção que os leva imediatamente a decidir a respeito dos princípios em matérias que eles não conhecem” (*Contra Celso*, V.65).

É evidente no trabalho de Celso que um dos argumentos principais para o ataque ao cristianismo era o da corrupção da antiga tradição pelos cristãos. O conhecimento ético do cristianismo teria sido formado a partir de empréstimos de outros filósofos, pois Celso diz que ele apresenta uma doutrina “banal, e, com referência aos outros filósofos, nada ensina de venerável nem de novo” (*Contra Celso*, I.4). A ideia de humildade cristã teria sido grosseiramente apreendida de Platão, como profere Celso:

É uma imitação daquilo que Platão diz em alguma parte das *Leis*: “Eis que Deus, segundo a antiga tradição, tem em mãos o começo, o fim e o meio de tudo o que existe e, pelo correto caminho da natureza, encerra este ciclo. Sempre o segue de perto a justiça, que vinga a lei divina daqueles que dela se apartam; e quem deseja a felicidade a ela se liga para segui-la fielmente, de modo humilde e ordenado” (*Contra Celso*, VI.15).

Para Celso, a concepção cristã de “Reino de Deus” e a crença de que Deus está no céu, igualmente, é originária dos ensinamentos platônicos (*Contra Celso*, VI.18-20), bem como seus ensinamentos acerca da não resistência, os quais teriam sido mal plagiados do *Críton*, de Platão (*Contra Celso*, VII.58). Além disso, Celso elenca uma série de elementos que demonstram a pouca originalidade e a má interpretação cristã em relação às correntes filosóficas e religiosas antigas: a caracterização cristã dos sete céus era francamente plagiada dos mistérios mitríacos (*Contra Celso*, VI.21); a ideia de diabo/Satã, uma má interpretação das histórias simbolizadas no mito dos Titãs, de Tifão, de Osíris e Hórus, pronunciados por Homero, Heráclito, Péricles e Ferecides (*Contra Celso*, VI.42, 43); o título “Filho de Deus”, que aplicam a Jesus, derivava de uma máxima antiga que se referia ao mundo como “Filho de Deus”, já que o mundo deve sua existência a Deus (*Contra Celso*, VI.47); a crença de uma vida pós-morte no céu como um lugar de felicidade teria sido retirada de histórias de homens divinos de tempos antigos que falaram de espaços reservados às almas bem-aventuradas, denominados “Ilha dos bem-aventurados” ou “Campos Elísios” (*Contra Celso*, VII.28); já a recusa em tolerar as imagens, templos e altares teria sua origem em outros povos “sem fé, nem lei”, como os citas, líbios e persas (*Contra Celso*, VII.62); e a imagem de que Deus é um espírito é semelhante à ideia estoíca, para a qual “Deus é um espírito que tudo penetra e tudo contém em si mesmo” (*Contra Celso*, VI.71)¹⁹.

A título de conclusão, podemos afirmar que as críticas dirigidas pelos pagãos, como Celso, contra o judaísmo e, sobretudo, contra o cristianismo, objetivavam a defesa da religião tradicional greco-romana, ameaçada pelo advento da crença cristã no Império Romano. Os escritos de Celso nos permitem compreender melhor as dificuldades de um pagão da época, sobretudo um membro da elite, a aderir ao cristianismo. Para ele, era até aceitável que um escravo, um artesão ou um homem sem fortes vínculos com a cultura helênica se sentisse animado com os ensinamentos cristãos, mas não se podia dizer o mesmo acerca dos filósofos, herdeiros da antiga tradição.

¹⁹ Seguindo as concepções de François Hartog (1999), os citas narrados nas *Histórias* de Heródoto representavam a antítese do homem civilizado e bem educado, em suma, do grego. Para Hartog, é por meio da alteridade do povo cita, visto como nômade, sem lei, com costumes exóticos e primitivos, que os gregos reconheciam a sua própria identidade como a normal, a civilizada. Mediante isto, cremos que a associação que Celso faz entre cristãos e citas seja bastante representativa de um processo de difamação em relação aos primeiros.

Celso, como filósofo, agiu como responsável por salvar uma civilização que se encontrava incorporada à ordem do mundo. Por isso, direcionou toda a sua agressividade contra os adeptos do cristianismo, pois estes, aos seus olhos, comportavam-se de forma contrária à ordem divina das coisas, contribuindo, deste modo, para a degenerescência da civilização.

ALÉTHÉS LOGOS: LIFE AND WORK OF PAGAN PHILOSOPHER CELSUS

ABSTRACT

This article focuses on the life of the pagan philosopher Celsus and his work, Aléthés Logos, commonly translated as "True Word", composed at the the end of the second century, presenting various accusations and criticism against the Judaism and especially the Christianity.

KEYWORDS: *Against Celsus. Celso. Christianity. Origen.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENKO, S. **Pagan Rome and early Christians.** London: B. T. Batsford, 1985.

BERGJAN, S. P. Celsus the Epicurean? The interpretation of an argument in Origen, *Contra Celsum*. **The Harvard Theological Review**, v. 94, n. 2, p. 179-204, 2001.

BOBBIO, N. Teoria das elites. In: _____. **Dicionário de política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. p. 385-391.

BORRET, M. Introdução. In: _____. **Origène, Contre Celse.** Paris: Éditions Du Cerf, 1976.

CHADWICK, H. Introdução e notas. In: **Origen, Contra Celsum.** Cambridge: Cambridge University Press, 1953.

FRANGIOTTI, R. **Cristãos, judeus e pagãos: acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo.** Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

FREDE, M. Origen's treatise against Celsus. In: EDWARDS, M.; GOODMAN, M.; PRICE, S. (Ed.). **Apologetics in the Roman Empire.** Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 131-155.

HADOT, P. **Que é filosofia antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto:** ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

HOFFMANN, R. J. *Celsus*, **On the true doctrine:** a discourse against the Christians. Oxford: Oxford University Press, 1987.

KERESZTES, P. Marcus Aurelius a persecutor? **Harvard Divinity School**, v. 61, n. 3, p. 321-41, jul. 1968.

LABRIOLLE, P. de. **La reaction païenne:** étude sur la polémique antichrétienne du I au VI siècle. Paris: L'Artisan du livre, 1935.

LIGHTFOOT, J. B. **The apostolic fathers.** London: MacMillan and Co, 1891.

MURACHCO, H. G. Introdução. In: _____. **Luciano de Samósata, Diálogo dos mortos.** São Paulo: Palas Athena/USP, 2007.

ORIGEN. **Contra Celsum.** Tradução e notas de H. Chadwick. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.

ORÍGENES. **Contra Celso.** Tradução de O. dos Reis. São Paulo: Paulus, 2004.

PRICE, S. **Apologetics in the Roman empire.** Oxford: Oxford University Press, 1999.

ROUGIER, L. **Celse ou le conflit de la civilisation antique et du christianisme primitif.** Paris: Éditions du Siècle, 1925.

RUIZ BUENO, D. Introdução, versão e notas. In: _____. **Orígenes, Contra Celso.** Madrid: Católica, 1967.

SILVA, G. V. da. A relação Estado-Igreja no Império Romano (séculos III e IV). In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (Org.). **Repensando o Império Romano:** perspectiva socioeconômica, política e cultural. Vitória: Edufes; Mauad, 2006. p. 241-266.

WHALE, J. S. Great attacks on Christianity: Celsus. **Expository Times**, v. 42, p. 119-124, 1930.

ZAMBON, M. **Porphyre et le moyen-platonisme.** Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2002.